



**MAPEAMENTO ETNOCIENTÍFICO -SOCIOLÓGICO DOS SABERES
TRADICIONAIS ECOLÓGICOS DO PERÍMETRO IRRIGADO DE SÃO
GONÇALO/SOUSA/PB: agroecologia, convivência com o semi-árido e memórias
bioculturais**

Analy Oliveira da Silva¹

Luan Gomes dos Santos de Oliveira²

RESUMO

A pesquisa em questão de iniciação científica teve por objetivo cartografar socialmente (mapear, identificar, analisar e traduzir) os diversos saberes e práticas tradicionais dos(as) agricultores(as) e populações do espaço do campesinato, apresentando também, a realidade socioambiental em específico do Perímetro Irrigado de São Gonçalo/Sousa/PB, por meio da etnociência. A pesquisa é de natureza qualitativa e documental tomando como procedimentos teórico-metodológicos a Sociologia da Tradução (SOUSA SANTOS, 2010) e a antropologia do arquivo (CUNHA, 2005); (ALBUQUERQUE JÚNIOR) que incide tanto sobre os saberes como sobre as práticas (e os seus agentes). O intuito deste projeto, visa apresentar um pequeno Atlas de saberes e práticas da tradição que constroem o modo de vida dos povos do campo.

Palavras-chave: Saberes Tradicionais. Agroecologia. Sociologia da Tradução. Agricultura Familiar. Etnociência.

¹Bolsista Pibic/CNPq. Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal de Campina Grande/UFPA.
Email: analy.oliveira86@gmail.com.

² Docente da Universidade Federal de Campina Grande – UFPA. Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFRN) e Doutorado em Educação (UFRN). Email: luan.gomes@professor.ufpa.edu.br

***ETHNOSCIENTIFIC -SOCIOLOGICAL MAPPING OF KNOWLEDGE
ECOLOGICAL TRADITIONS FROM THE IRRIGATED PERIMETER OF SÃO
GONÇALO/SOUSA/PB: agroecology, living with the semi-arid and memories
biocultural***

ABSTRACT

The research in question of scientific initiation aimed to socially map (map, identify, analyze and translate) the various traditional knowledge and practices of farmers and populations of the peasantry space, also presenting the socio-environmental reality in specific of the Irrigated Perimeter of São Gonçalo/Sousa/PB, through ethnoscience. The research is qualitative and documentary in nature, taking as theoretical-methodological procedures the Sociology of Translation (SOUSA SANTOS, 2010) and the anthropology of the archive (CUNHA, 2005); (ALBUQUERQUE JÚNIOR) which focuses on both knowledge and practices (and their agents). The purpose of this project is to present a small atlas of traditional knowledge and practices that build the way of life of rural peoples.

Keywords: Traditional Knowledge. Agroecology. Translation Sociology. Family farming. Ethnoscience.

INTRODUÇÃO

O referido trabalho tem por intuito apresentar uma discussão que se enraíza pelo campo etnocientífico, buscando compreender o espaço dos saberes tradicionais, delimitando-se ao espaço nordestino, buscando analisar como o mesmo se estrutura, se materializa e se perpetua, tendo assim o objetivo de entender que a sabedoria popular é diversificada de outros tipos de conhecimento, como o científico, que passa por inúmeros processos até que chegue ao título de conhecimento científico. O estudo também vai se aprofundar no que se interliga as sabedorias tradicionais, que se trata do espaço socioambiental, sendo que o campesinato e os(as) agricultores(as) foram foco da pesquisa, se debruçando também na região do semiárido nordestino, enfatizando sobre a realidade do Perímetro Irrigado de São Gonçalo- PB.

A escolha do tema para estudo se deu com o objetivo de apresentar um ponto de vista plural sobre o assunto, pois inclui dinâmicas e saberes diversos, inclui também o diálogo entre universidade e agricultores/as familiares, pois pode contribuir com uma agricultura sustentável que respeita o futuro das sociedades, não sendo uma imposição de um saber científico sobre o saber dos/as agricultores/as, mas um diálogo, uma complementaridade. Recuperar o diálogo com as sabedorias tradicionais pode fortalecer a comunicação com a sociedade, que no contexto das pesquisas com a agricultura familiar pelo prisma da sociologia rural e da antropologia rural, gera a produção de conhecimentos mais complexos, que levam em consideração os contextos dos sujeitos, os lugares de fala em um tom político, e um envolvimento com a sustentabilidade da vida.

A pesquisa tem cunho documental, tendo Francisco Lucas da Silva (2015), Victor M. Toledo e Narciso Barrera Bassols (2015), Eliezer da Cunha Siqueira (2018), Ramonildes Alves Gomes (2002), Boaventura Sousa Santos (2010) e etc, como bases para a estruturação e desenvolvimento do projeto.

MATERIAIS E MÉTODOS (OU METODOLOGIA)

A metodologia dessa pesquisa se configura como eminentemente qualitativa, pois,

[...]responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser

quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 22).

Em virtude do atributo qualitativo dessa pesquisa objetivou-se cartografar: mapear saberes e práticas tradicionais, tendo em vista que o contexto da pandemia COVID 19 não permite a pesquisa “in loco”, dadas as recomendações de isolamento e distanciamento social orientadas pela Organização Mundial de Saúde (essa amostra está condicionada a vontade dos sujeitos em participar da pesquisa, com direito a esclarecimento sobre o estudo e aceitação prévia com assinatura do Termo de Livre consentimento para a pesquisa.

Dessa maneira, pode se apresentar como se deu o ciclo desta pesquisa etnográfica de base digital a partir do método dos pesquisadores Spiess e Costa (2009), em que o “[...] método etnográfico pode contribuir para a construção de narrativas tecnológicas que não excluam os elementos sociais e culturais e que considerem que o conteúdo de uma tecnologia e o contexto de seu surgimento e uso influenciam-se mutuamente” (SPIESS; COSTA, 2009, p. 16). É um método que busca adentrar no campo das sabedorias tradicionais, estudando o seu desenvolvimento e como o mesmo se situa na sociabilidade.

O referido trabalho realizado também se utilizou da pesquisa documental e bibliogr, para assim ter por base, estudos e teorias acerca da temática, colaborando assim no processo de construção de diálogos.

Como estratégia de pesquisa em termos de método optou-se pela Sociologia da Tradução (SOUSA SANTOS, 2010, p. 129), que visa dar visibilidade aos saberes e práticas diversas, por meio da pesquisa em arquivos especializados da sociologia e antropologia rural e com isto buscar a sistematização e organização de uma espécie de dicionário ou de cartilha dos saberes e práticas tradicionais por meio da ativação da memória coletiva.

DESENVOLVIMENTO

O conhecimento é um conjunto de saberes desenvolvidos, moldados e observados durante o tempo. São embutidos de cultura, de diversidade e singularidades, que ocupam lugar e espaço na sociabilidade.

Na atualidade, o conhecimento científico é o mais conceituado e estimado, pois é cercado de processos, de verificação de estudos e métodos até que se chegue a título de conhecimento ou de verdade. Contudo, a ciência é apenas um ramo, muito prestigiado, porém não único “A ciência é apenas uma expressão desta busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva.” (MINAYO, 2002, p. 10). O conhecimento pode ser buscado e construído de diversas formas e por diversos grupos.

Populações tradicionais como o campesinato, têm variadas formas de elaborar o conhecimento, seja através do contato com a natureza, com a biodiversidade, com a cultura que lhes pertence e etc. São saberes muitas vezes diminuídos pela sociedade, por não fazerem parte do campo científico e por não passarem por metodologias modernas para assim ter uma comprovação.

Na contemporaneidade o esquecimento dos saberes e práticas tradicionais tem sido cada vez mais frequente, frente ao contexto da lógica do agronegócio que afeta especialmente a vida dos agricultores e agricultoras familiares. Tal contexto traz consigo a necessidade de reflexões por meio de pesquisas e estudos sobre fenômenos socioambientais que perpassam por uma perspectiva de totalidade, baseada na relação sociedade-natureza, como o modo de vida, de existência e a produção de sociabilidades no rural, no semiárido brasileiro nordestino, ou nos “sertões contemporâneos” (expressão politizada por ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014).

Dessa forma, essa questão denominada de socioambiental é acompanhada pelo contexto de reorganização e recomposição do ambiente rural. Tendo em vista que muitos pesquisadores têm refletido e problematizado a morte ou o desaparecimento do rural, do campesinato frente aos processos de urbanização e industrialização global. Isso tem sido concebido como o processo de modernização da economia que tem por base a dominação da agricultura sob a condução da lógica do capitalismo. No entanto, a morte do campesinato, ou do rural está longe de acontecer, e para ampliar e aprofundar tal afirmação o Antropólogo e Sociólogo Mauro Almeida em seu ensaio teórico “Narrativas agrárias e a morte do campesinato, traz uma provocação,

A morte do campesinato é assim a morte de um sistema de pensamento; é o fim de um código. As peças que esse código organizava no passado, contudo, estão ainda em circulação. A dissolução nominalista do campesinato e das “sociedades agrárias”

enquanto categoria mestra é real; mas não menos real é a reativação da política indígena, nativa, grass-root, étnica. O fim do campesinato se dá ao mesmo tempo em que se ativam como nunca discursos e práticas de democratização rural, de autogoverno ambiental, de políticas de gênero contra-hegemônica cujos atores são atingidos por barragens, de indígenas que passaram por movimentos de revivalismo étnico, caboclos que se redescobriram indígenas, seringueiros que se transfiguravam em povos da floresta, caiçaras que se tornaram povos dos mares, marginais que viraram quilombolas, mulheres-ecólogas, velhos; sem-terra, sem-teto. Se abstraímos a categoria totalizante do campesinato, vemos que os traços culturais, econômicos e ecológicos que eram associados a ela, embora desconjuntados entre si e destacados na grande narrativa teórica da qual faziam parte, continuam na ordem do dia. A pergunta, portanto, sobre o que efetuou a dissolução do “fato social total” camponês esteja mal colocada. A resposta que diz que “a modernidade matou o campesinato” utiliza o próprio conceito de campesinato e a própria narrativa da modernização que estão em questão. Acho que é preciso pensar de outra forma a resposta. (ALMEIDA, 2007, p. 170).

Os saberes tradicionais não tem espaço de reprodução na sociabilidade capitalista, fazendo com que entre em declínio a valorização do campesinato e de suas formas particulares de existência. O trato da natureza advindo da intervenção capitalista se caracteriza no distanciamento de ações agroecológicas e que façam esses campos amadurecerem de forma ecológica e funcional.

E acreditamos que é justamente por essa omissão e esquecimento por parte da pesquisa científica – obra e fundamento da modernidade – que a civilização industrial fracassou em sua busca por realizar um manejo adequado da natureza (TOLEDO; BASSOLS, 2015, p. 85).

As formas de conhecimento de grupos como os(as) agricultores(as), são essenciais para o desenvolvimento do espaço socioambiental de forma íntegra e sustentável, diferenciando-se das intervenções liberais da sociedade atual que visam propriamente o lucro, se esquivando da historicidade que se define como instrumento basilar nesses espaços. “A noção de arte da localidade, que bem descrevia a Agronomia clássica, perde sentido com a emergência da racionalidade tecnocrática e generalista.” (TOLEDO; BASSOLS, 2015, p. 11-12), fazendo com que a modernização capitalista capture a peculiaridade das diversas e diferenciadas localidades, como o grande espaço que remete o rural e transforme em alavanca para os ideais lucrativos. A sabedoria própria e peculiar não se funde e se reproduz junto com a era globalizada.

Tanto as formas desordenadas de manejo com os recursos naturais, como também o notório desaparecimento das formas tradicionais de conhecimento, são

pontos que englobam a questão socioambiental, que se faz cada vez mais intensa e que vem ganhando status de naturalidade. Na contemporaneidade, o esquecimento dos saberes e práticas tradicionais tem sido cada vez mais frequente, frente ao contexto da lógica do agronegócio que afeta especialmente a vida dos agricultores e agricultoras familiares.

Para que haja a devida preservação das formas de conhecimentos tradicionais, é necessário entendê-los, estudá-los e compreender a sua estruturação.

Para compreender de maneira adequada os saberes tradicionais, é então necessário entender a natureza da sabedoria local, que se baseia em uma complexa inter-relação entre as crenças, os conhecimentos e as práticas. [...] As sabedorias tradicionais baseiam-se nas experiências que se têm sobre o mundo, seus feitos e significados, e sua valorização de acordo com o contexto natural e cultural onde se desdobram (TOLEDO; BASSOLS, 2009, p. 40).

Como um dos campos a serem estudados na geopolítica paraibana, tem-se o Perímetro Irrigado de São Gonçalo que apresenta uma estrutura composta pela sede da zona rural, onde fica a administração, e um núcleo que oferece toda uma estrutura urbana, com 1.800 habitantes. As agrovilas são compostas pelos Núcleos Habitacionais I, II e III. São 500 colonos instalados em 518 lotes em operação, com uma população total de 7.400 habitantes. Todo o Perímetro Irrigado tem suprimento d'água através do açude de São Gonçalo cuja capacidade é de 44.600 milhões de m³ (GURJÃO et al., 2009). A agricultura irrigada é modelo predominante do perímetro que cultiva uma produção de coco e de banana, mas outras cultivares também são cultivadas ali, como o arroz, o melão, o mamão, o feijão e o milho. Entretanto, estudos recentes realizados por Siqueira (2018) houve uma redução na produção da fruticultura irrigada em decorrência da seca que se expressou em um período longo de 2012 a 2015.

A seca é um fenômeno edafoclimático e político típico do semi-árido nordestino brasileiro é uma marca do alto sertão paraibano e especificamente do Perímetro Irrigado de São Gonçalo. Contemporaneamente ela afetou negativamente a vida de 500 colonos repercutindo na produção da agricultura familiar, desdobrando-se em prejuízos como empobrecimento e endividamento (empréstimos a bancos), aumento do desemprego, saída dos filhos para os centros urbanos (êxodo rural). Outro aspecto relevante que se destacou em alguns estudos sobre a região é que mesmo com a seca, muitos agricultores mantiveram uma produção

pequena auxiliada pelo uso de agrotóxicos. Essa redução da produção em consequência da seca, como é defendida por outras pesquisas, revelou de que é em virtude da escassez de água, provocada pela seca, deixando a agricultura familiar comprometida em seu desenvolvimento.

Entretanto, o discurso da escassez de água como resultado de seca, enquanto um problema climático, é perpassado por controvérsias de ordem política e histórica na formação social e econômica do Brasil. Particularmente na região do Perímetro Irrigado de São Gonçalo, um problema foi noticiado na imprensa paraibana, referente ao roubo de água em 122 pontos, em 23 de março de 2016, com relatório gerado pelo Ministério Público da Paraíba. Por meio disso, pode-se questionar o discurso da escassez e da seca como uma questão somente de ordem natural, transpondo essa discussão para outro plano de interpretação, em que a seca é percebida como um problema também político.

O programa do Perímetro Irrigado pode ter se comportado como uma iniciativa colonizadora, no sentido que impõe o processo de mecanização agrícola no ambiente rural e não leva em consideração os saberes dos/as agricultores/as familiares. Esses saberes são tratados como atrasados por não representarem os interesses do utilitarismo e do lucro da agricultura mecanizada. Por isso, essa pesquisa não se opõe a permanência dos perímetros irrigados atuais, mas propõe-se a investigar a recuperação de uma agricultura ecológica que inclua os saberes ligados a preservação dos ecossistemas, “como elemento justificador da ética que permeia as relações entre os agricultores e o meio ambiente. Nesses saberes dos/as agricultores/as familiares

[...] está incorporado um conceito de agricultura familiar, como aquela que combina a propriedade da terra, com uma mão-de-obra familiar, ambas organizadas por uma lógica que reúne saberes e valores que asseguram a reprodução da unidade familiar e de produção e a permanência do patrimônio (GOMES, 2002, p. 264).

A particularidade dos saberes dos/as agricultores/as familiares é questionada quando entra em contato direto com a lógica colonizadora dos perímetros irrigados, que priorizam o lucro e fragmentam “o ethos camponês” (BRANDÃO, 1999, p 12). Diante desse contexto, Gomes (2002, 2005) nos permite entender que a relação dos/as agricultores/as familiares com os perímetros irrigados é permeada pela colonização. Um exemplo disso, é o Perímetro Irrigado de São Gonçalo que diante da seca tem uma redução em sua produção e nem todos

acessam a informações, orientações, direitos de órgãos da parte do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (EMATER/PB). Esse descaso com os agricultores familiares do Perímetro de São Gonçalo é evidenciado na pesquisa que foi desenvolvida por Siqueira (2018).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Existe um vasto campo de sabedorias no tocante a agricultura e o que ela se relaciona e ao campesinato. São tradições que permeiam muitas gerações, trazendo consigo a cultura, a identidade e a ancestralidade de cada povo, cada região e etc.

A sabedoria é como o lodo que mantém viva uma lagoa; é o que sobrevive em meio à superpopulação das ideias, dos conceitos, das informações, das teorias, das interpretações. [...] O conhecimento se transforma, porém a sabedoria se mantém porque fala do essencial e permanente que se desdobra nos fenômenos, no particular, no fugaz, no instantâneo (SILVA, 2015, p. 15).

Portanto, a sabedorias de agricultores(as) são elementos que transcendem gerações e que na sociabilidade atual se veem em declínio e em processo de desaparecimento. Por isso, é necessário resgatar a importância desses dados e evidenciar o lugar desta atividade histórico/social no espaço atual.

Fui para Assu, comprei o material de construir a canoa, trouxe um carpinteiro da cidade aí ele construiu uma canoa. Só que essa canoa que ele construiu, por ironia do destino, uma tábua [...] Aí eu desmanchei essa canoa, fui para a cidade, comprei mais duas tábuas e fiz uma canoa. E foi a melhor canoa que eu já fabriquei em minha vida, [...] Depois eu precisei de um barco motorizado e não encontrei na região quem fizesse e eu fiz. Eu construí o meu barco e ninguém me ensinou. Não tinha quem me orientasse a fazer acoplamento de motor e eu fiz dentro da necessidade e da visão que eu tinha. Quer dizer, eu aprendi com as minhas necessidades, com a minha visão. Até hoje, dentro dos meus trabalhos, não devo homenagem a ninguém. O Meu Eu foi o meu professor. Para construir barco, eu acho que fui me preparando desde criança. Quando eu era menino, o barco eu fazia de tábua, de compensado, de caixão de charuto, de tudo no mundo eu inventava um barco. Eu não sei da soma, mas já completei mais de mil canoas. E barco motorizado, até agora eu já construí onze (SILVA, 2015, p. 28-29).

Vê-se nesse relato de um sujeito com bases no campesinato, nota-se que o mesmo adquiriu habilidades, não por meios técnicos científicos ou pela modernização do espaço do campo, mas sim, pela necessidade que se apresentava

em sua realidade e que o colocava a frente sua desenvoltura para criar e entender as funcionalidades dos recursos que lhe eram disponíveis. Com o tempo, o mesmo se aperfeiçoou com a prática.

A necessidade se apresenta como uma das bases para o emergir dessas sabedorias, porém, não deve ser focada como hegemônica para o entendimento histórico das análises sobre a referida temática.

Assim como conhecimentos sobre a inserção social e sobre visão de mundo são perceptíveis, há também saberes sobre aspectos da natureza, clima, fauna, flora, fenômenos.

Cana-de-açúcar – Nós temos aqui na nossa região a nossa cana-de-açúcar. Como nosso solo do agreste é muito fértil, não usamos muito adubo, nem tampouco agrotóxico. As pragas não gostam da folha da cana. Ela é uma planta altamente rica em açúcar, mas a folha dela é sugada, não tem nutriente até para o próprio inseto. É riquíssima! Da cana-de-açúcar você faz o mel, o açúcar e a rapadura. [...]

Gado – Na época do inverno, quando começam as chuvas, mas pára de chover dois ou três dias, observamos o gado. Pela manhã, vamos buscar o gado no cercado. O gado está malhado, com a frente para o poente – quer dizer, dando os quartos para a chuva. Quando ele se levanta, ele tem um modo de dar com os quartos, ficar patinando. Aí a gente diz: “Hoje vai chover!”, e é certo. Pode esperar que duas, três horas da tarde, a chuva está caindo. [...]

Calendário da chuva – Se chove dia de Santa Luzia, 13 de dezembro, é experiência boa. Aí chove dia 14 de janeiro, 15 de fevereiro, 16 de março, 17 de abril, 18 de maio, 19 de junho. Isso quer dizer que a gente pode contar com seis meses de inverno. [...]

Aroeira – É cicatrizante. Você tira a casa da aroeira para fazer a água para lavar o corte. Botar a entrecasca para secar, para fazer o pó para colocar em cima da ferida. [...]

Tilápia – é um peixe de ninho, um peixe de coita de madeira.

Sempre onde há dois ou três pés de pau, é ali que a gente vai colocar

a rede. A gente cutuca, bate ali para o peixe sair para a rede. A gente procura sempre o jeito da madeira para colocar as redes (SILVA, 2015, p. 35-38-41-45-46).

Nota-se a vasta bagagem de saberes, que passeiam entre os mais diversos setores que compõem o âmbito socioambiental, saberes estes encorpados de explicações sempre pertinentes.

CONCLUSÃO

Diante das explanações e diálogos, evidencia-se que regiões como o semiárido-nordestino, apresenta suas peculiaridades, suas problemáticas sociais, que estão muito ligadas ao processo modernizador das estruturas da agricultura. Questões como a seca vem expor que nem sempre as causas dos problemas

socioambientais partem do cunho natural, mas sim, tem muitas interferências do mercado com investidas do agronegócio. Todo este contexto implica fortemente do processo de produção e reprodução dos saberes, que acabam entrando em desaparecimento e entrando em situações de contestações de sua veracidade e funcionalidade.

Com isto, é imprescindível usar medidas agroecológicas e políticas nos espaços do campesinato, de forma a defender a utilidade dos saberes tradicionais como ferramentas de qualidade de vida, de preservação cultural e ambiental, de inovação e estudo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil na modalidade PIBIC/CNPq. Agradecemos o apoio para a realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Raros e rotos, restos, rastros e rostos: os arquivos e documentos como condição de possibilidade do discurso historiográfico.** In: O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história. São Paulo: Intermeios, 2019.

ALMEIDA, Mauro. **Narrativas agrárias e morte do campesinato.** Ruris, v.1. N. 2. São Paulo, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O afeto da terra.** Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

GOMES, Ramonildes Alves. **A qualidade de vida das famílias no Perímetro Irrigado de São Gonçalo: Ética e racionalidade.** Recife: UFPE, 2005. Tese de doutoramento em Sociologia.

GOMES, Ramonildes Alves. **Representações sociais e culturais da qualidade de vida entre famílias de agricultores.** Raízes. V. 21. N. 2. Campina Grande, 2002.

GURJÃO, K. C. O. et al. **Avaliação das condições ambientais do açude de São Gonçalo** – PB. Revista Brasileira de Agroecologia, Curitiba, v. 4, n. 2, p. 2234-2235, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, Técnica e Arte: o Desafio da Pesquisa Social.** In: MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social, teoria, método e criatividade.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

SILVA, Francisco Lucas da. **Um sábio na natureza.** Natal : IFRN, 2015.

SIQUEIRA, Eliezer da Cunha. **Avaliação dos impactos da seca no Perímetro Irrigado de São Gonçalo** – PB. Revista Principia. Paraíba: IFPB, 2018.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** 3 ed. V. 4. São Paulo: Cortez, 2010.

SPIESS, Maiko Rafael; COSTA, Maria da. **O Estudo Etnográfico das Tecnologias de Informação e Comunicação.** Anais do 33º Encontro Anual da Anpocs, de 26 a 30 de outubro de 2009, em Caxambu/MG. ISSN 2177-3092.

TOLEDO, Victor M; BASSOLS, Narciso Barerra. **A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 20, p. 31-45, jul./dez. 2009.

TOLEDO, Victor M; BASSOLS, Narciso Barerra. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais.** 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.